

O REFLEXO FILOSÓFICO EM LUKÁCS: REBATIMENTOS EDUCACIONAIS

Janaira Fernandes Teixeira¹

¹Aluna da Universidade Estadual do Ceara-UECE, Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, Fortaleza, Ceará, Brasil, janaira.teixeira@aluno.uece.br

Resumo

O recorte aborda as características da filosofia segundo os escritos de Georg Lukács e busca a partir dele traçar reflexões sobre a filosofia da educação e seu papel no cotidiano atual. A redação é realizada a partir da técnica de revisão bibliográfica nomeada por José Chasin (2009) de leitura imanente com marco teórico baseando-se no marxismo ontológico. A pesquisa busca apresentar a compreensão de Lukács sobre o reflexo filosófico e aproximar esse debate das categorias em volta da filosofia da educação. Acreditamos assim, reunir dados inéditos sobre a filosofia no pensamento lukácsiano e contribuir para o debate sobre a função da filosofia para o complexo educacional.

Palavras-Chave: Filosofia. Lukács. Educação.

Introdução

A pesquisa realiza um recorte da grande *Estética* de Lukács quanto à particularidade do reflexo filosófico e sua relação com a educação. A redação traz dados quanto à temática filosófica nos escritos de Georg Lukács, que de acordo com Frederico (1997), é o mais importante autor ligado ao marxismo do século XX.

A aproximação de Lukács quanto ao problema da filosofia já havia sido realizada anteriormente por Giana (2021), entretanto, na ocasião o autor toma como base para a análise da particularidade do reflexo filosófico a grande *Ontologia* de Lukács. Aqui, toma-se a grande *Estética*, por esse motivo apresenta-se uma pesquisa inédita.

Os procedimentos metodológicos utilizados basearam-se em uma revisão de literatura em que a base para o recorte é a grande *Estética* de Lukács (2023, 1965 e 1966) e autores que a comentaram, como Santos (2020) e Oldrini (2019). A técnica de análise dos dados utilizada foi a leitura imanente conceituada por Chasin (2009), que consiste em uma análise interpretativa dos textos em busca da pureza de seus conceitos e avaliando o teor de concretude presente neles a partir da história.

A combinação da revisão bibliográfica com a técnica de leitura imanente nos garante uma aproximação razoável ao objeto, a filosofia em Lukács, o que inscreve esta pesquisa na alçada do paradigma científico onto-metodológico (Santos, 2020), que busca perseguir o objeto em suas determinações reais, dando prioridade ao que indica o próprio objeto sobre si mesmo.

Acreditamos ter alcançado com o referido recorte a exposição da concepção lukacsiana de filosofia e ter trazido uma associação inédita estabelecida entre a filosofia em Lukács, tendo como base a estética por ele escrita, e o campo da pesquisa educacional.

Objetiva-se apresentar a concepção de Lukács sobre o reflexo filosófico trazendo as contribuições que essa compreensão implica para a área educacional. Para atingir tal empreitada buscar-se-á, destacar três das principais concepções filosóficas já existentes, apresentar a categorização da filosofia presente na grande estética de Lukács, explicar a particularidade do reflexo filosófico nessa obra e relacionar esse dado com o debate sobre a filosofia da educação.

A filosofia na história da filosofia

Este recorte perpassará sobre algumas das principais concepções de filosofia dominantes na atualidade. Sendo estas, uma antiga, a de Platão de Atenas (427/428 a. C.-347 a. C.), uma moderna, de Immanuel Kant (1734-1804) e uma contemporânea, de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guatarri (1930-1992). A primeira a ser analisada será a de Platão de Atenas.

Na obra *A república*, Platão expõe a figura do rei filósofo, afirmando que a classe que governa deveria ser composta por filósofos por esses estarem mais próximos da totalidade dos conhecimentos (Platão, 2001). Para além da função que Platão atribui aos filósofos, a filosofia, ou o conhecimento intelectual é para ele a ciência que atende à reflexão sobre a totalidade dos seres.

Nesse sentido, o filósofo é, para além daquele que possui a potência da governança, a pessoa que é capacitada para o conhecimento das causas das coisas e para o ensino dessas causas, entretanto nem todos poderiam dispor desse conhecimento. Na concepção limitada de Platão, entretanto, apenas aqueles que são dotados de uma alma intelectual poderiam executar

essa função. Sendo assim, aqueles que possuíam propensão para a irascibilidade, os guerreiros, e para a concupiscência, os escravos, não poderiam nem exercer a função de governança, nem a intelectualidade. Sendo assim, o governo ideal de Platão não transcende as desigualdades colocadas em sua época, pelo contrário, as naturaliza.

Essa visão da filosofia como um privilégio de determinada classe é superada na contemporaneidade. Por esse motivo, por mais que a contribuição platônica para a história da filosofia seja grandiosa, sua compreensão da filosofia e do que é ser filósofo pode ser considerada superada.

Na proposta filosófica de Immanuel Kant, a filosofia é o tribunal para a avaliação do conhecimento possível. O filósofo de Kognsberg considera que a função da filosofia é ser um regulador da razão para que ela não ultrapasse seus limites possíveis (KANT, 2009).

Herdeiro da disputa epistemológica entre o racionalismo e o empirismo, Kant acabou por estabelecer uma função conceitual e avaliadora para a filosofia, que deve impor limites à faculdade especulativa para que se baseie em pressupostos possíveis dentro dos limites da consciência. No sentido defendido por Kant, entretanto, exclui-se da filosofia seu estatuto criativo para dar-se razão apenas ao crítico. A função do filósofo perpassa a crítica, mas não se resume a ela.

Voltemos, brevemente, também, nosso olhar para dois filósofos contemporâneos. Deleuze e Guatarri são teóricos do século XX. Eles afirmam que a função da filosofia na atualidade está relacionada à linguagem. Por meio da linguagem há o consenso e o desentendimento, por isso, na compreensão dos filósofos em questão, ela é problema central na filosofia a ser desenvolvida na atualidade (Gallo, 2016).

Friedrich Hegel (1770-1831), já havia afirmado que a função da filosofia é a produção conceitual (Lukács, 1965). Entretanto, Deleuze e Guatarri levam essa concepção não apenas ao filósofo que busca a compreensão das determinações da totalidade, mas à prática cotidiana do filosofar, trazendo a filosofia para o cotidiano, o que é um ponto positivo, mas tornando-a mero instrumento lógico-formal.



Eles acreditam que o filósofo, deve, por excelência, elaborar conceitos válidos quanto ao conhecimento sobre a totalidade das coisas. A totalidade vista em Platão está preservada, assim como a crítica vista em Kant. Por meio da elaboração de conceitos, os filósofos podem refletir e transcender os problemas que são colocados na atualidade.

Essa função concebida por Deleuze e Guatarri (1992), também restringe a função do filósofo ao formalismo, nos leva a inferir que os filósofos em destaque consideram que a filosofia seja não uma prática para transformar o mundo, mas sim, um meio para construir abstrações cuja finalidade é o formalismo teórico que atinge a crítica mas não a esfera da intervenção na realidade.

Dados os devidos destaques a algumas das principais referências quanto à filosofia, exploraremos em seguida a concepção lukacsiana de filosofia, tendo como base a grande *Estética*, escrita por ele e publicada pela primeira vez em 1963. Nessa discursiva, exploraremos aspectos relacionados ao reflexo científico que culminou no desenvolvimento do reflexo filosófico como sua forma mais pura.

Filosofia em Lukács: elementos para uma diferenciação

Na aspecto antropológico seguido por Lukács, a consciência é um produto tardio do desenvolvimento do trabalho, que foi o responsável pelo salto qualitativo do ser orgânico para o ser social (Lukács, 2024). Nesse sentido, a própria ciência enquanto reflexo é, também, um tipo de saber especializado surgido algum tempo depois do trabalho, mas que guarda com relação a ele, uma dependência ontológica, uma vez que o trabalho é o modelo da práxis humana, portanto, todo produto humano, como no caso da ciência, guarda com relação ao trabalho autonomia relativa (Lukács, 2024).

Na esteira de Lukács, Giana (2021) afirma que a ciência se desdobra do reflexo desantropomorfizador do trabalho. Assim, pela prática do trabalho, a humanidade passa a enxergar o reflexo dos objetos e a realizar a distinção entre o sujeito e os objetos, que gerou a possibilidade do trabalho. Esse aspecto é marca fundamental para a consolidação da teleologia, ato de idealizar e buscar os meios para a realização do trabalho.

Do reflexo dos objetos alcançado pela humanidade, operou-se, também, a diferenciação entre o pensamento cotidiano e o pensamento científico. Com o desenvolvimento do trabalho e das técnicas de trabalho foi necessário criar saberes que se desligassem temporariamente do cotidiano para resolver problemas gerados nele.

O reflexo científico, portanto, surge da necessidade da especialização de determinados saberes que não poderiam ser produzidos no cotidiano, deveriam ser suspensos dele, como os primórdios da matemática, engenharia, arquitetura, etc. Sendo assim, a ciência é uma objetivação superior, de matriz ideológica, pois não atua diretamente na transformação da matéria, mas os seus resultados engrandecem a forma de produzir.

Para Lukács a filosofia é uma forma ideológica pura do desenvolvimento científico. Isso significa afirmar a filosofia como um sistema que fundamenta uma estrutura social, mas não somente. Segundo Marx (2008), a base que sustenta a forma de organização da sociedade de classes, sua estrutura, é determinada pelo complexo econômico. Dessa base econômica surge uma superestrutura responsável pelo controle ideológico necessário à reprodução dessa base.

Nesse sentido, o trabalho realizado no campo ideológico que não modifica a matéria diretamente pelo trabalho criador de valores, também retroage no cotidiano, mesmo que não fabricando bens de consumo, e se torna ponto crucial para a reprodução social em um patamar de consciência mais elevado.

Assim, a ciência se desdobra como complexo ideológico e dela emana uma forma de generalização das categorias da realidade de forma sistematizada e universalizante, a filosofia. Segundo Lukács, a filosofia é uma ideologia pura que enriquece o complexo científico tratando das categorias da totalidade que não podem ser fundamentadas suficientemente junto ao desenvolvimento científico imediato para o trabalho (Lukács, 1965).

O filósofo em tela ressalta sobre essa questão: “No desenvolvimento grego, pudemos ver que a forma ideológica mais consciente do comportamento científico, a filosofia, chega a desempenhar um papel pioneiro em vista das ciências particulares propriamente ditas” (Lukács, 2023, p. 423). Quanto ao seu desenvolvimento na Grécia, a filosofia retroage na vida cotidiana e enriquece o fortalecimento das ciências no âmbito da particularidade, como as ciências naturais, no caso de Demócrito e Léucipo de Abdera.

Na estética, além de diferenciar a particularidade da filosofia perante o reflexo científico, Lukács diferencia, também, a filosofia materialista da filosofia idealista, sendo a primeira destas a considerada autêntica (Lukács, 1965). A filosofia idealista se expressa pelas vertentes que acreditam que a reflexão sobre o real não se encontra no real ou não se fundamenta nele, como nos casos de Platão e Kant.

A filosofia materialista, destacadamente desenvolvida por Marx, pode ser encontrada sob forma de traços de materialismo espontâneo desde Aristóteles de Estagira (384 a. C-322 a. C.), passando por Francis Bacon (1561-1626) e Baruch Espinoza (1632-1677) até Nicolai Hartmann (1882-1950). O pilar que sustenta o materialismo é o olhar para o real, que se apresenta na aparência, e torna possível percorrer o caminho até a essência dos objetos. Esse caminho, entretanto, deve ser indicado pelas próprias pistas que dá o objeto em seu movimento contraditório na história. A filosofia materialista tem como base, portanto, a realidade imanente e histórica.

Além disso, Lukács salientava que uma filosofia materialista, ancorava-se na perspectiva de que os objetos da realidade possuem uma independência da consciência humana, o que contradiz a premissa de inspiração kantiana de que não podemos conhecer à sua essência objetiva:

A filosofia materialista não vê todas as formas de objetividade, todos os objetos e categorias associadas às suas relações como produtos de uma consciência criativa, como faz o idealismo, mas vislumbra neles uma realidade objetiva que existe independentemente da consciência; por conseguinte, todas as divergências e até contraposições presentes em cada tipo de reflexo só podem dar-se no âmbito dessa realidade material e formalmente unitária (Lukács, 2023, p. 183).

Sendo assim, a filosofia em Lukács, enfatiza a possibilidade de conhecer a realidade circundante, expandindo a atuação dos sujeitos para além do formalismo que representa uma concepção de realidade restrita ao discurso e àquilo que o sujeito apreende em sua representação. A realidade possui, portanto, determinações que vão além da representação humana, e compreender esse fato nos permite nos aproximar dos objetos da realidade de forma a desvendá-los não só lógico, mas ontologicamente, na busca de seu ser em-si. Nesse sentido, Lukács retoma o aspecto ontológico da filosofia desprezado pelo movimento contemporâneo da reviravolta linguístico pragmática, também conhecido como estruturalismo.

A filosofia, explica ele, é portanto de caráter desantropomórfico, bem como a ciência, e busca trazer para o debate sobre as categorias, de forma universal, o problema do ser em-si em suas determinações (Lukács, 1965). Se a ciência se pergunta como fazer uma vacina, a filosofia se preocupa sobre as determinações gerais desse medicamento. Como deve ser usado? Por que se usa dessa forma? Quais as implicações no cotidiano pelo seu uso? Quem são aqueles que questionam sua eficácia e quais seus interesses? Etc.

Entretanto, a filosofia e ciência grega, apesar de terem realizado uma inflexão, tanto na questão do desenvolvimento do reflexo científico e filosófico, não conseguiram alcançar uma concepção de mundo, portanto, uma filosofia que fosse capaz de atingir a imanência dos objetos. Essa limitação desse período histórico se refere tanto ao desenvolvimento das forças produtivas, que ainda não tinham alcançado um patamar suficientemente desenvolvido para que nascesse essa visão de mundo, quanto em relação à incompreensão dos antigos do papel do reflexo e da própria filosofia para o desenvolvimento humano, como salienta Lukács:

[...] no desenvolvimento grego, nem os resultados da pesquisa teórica tiveram uma influência decisiva sobre a técnica da produção nem os problemas da produção tiveram um efeito fecundo e estimulante sobre a ciência. É sintomático que a maioria das invenções geniais de Heron na Antiguidade não passou de brincadeiras curiosas e coube à ciência renascentista extrair as consequências realmente práticas delas e, portanto, teóricas⁸. Essa barreira é perceptível em toda a ciência e filosofia gregas; ela impede a construção plena e coerente, até os mínimos detalhes, do princípio científico, do método científico, na composição do reflexo da realidade, a formação unitária de conceitos na ciência e na filosofia justamente em contraposição ao pensamento cotidiano e à religião, e, ao mesmo tempo, a construção plena de uma interconexão multifacetada de ciência e prática do cotidiano (Lukács, 2023, p. 338).

Isso significa afirmar que, apenas os primórdios da filosofia e do reflexo científico constituem-se na antiguidade. Somente na modernidade passa a existir um estatuto de fato científico nas ciências e filosófico na filosofia. O método, seja qual por qual vertente ele seja elaborado é essencial para a sistematização necessária a particularização operante no reflexo científico.

Apenas na filosofia desenvolvida pelos modernos, mesmo que sua abordagem não fosse ontológica, como no caso de Descartes, tornou-se possível elaborar sistematizações metódicas que guiassem o conhecimento para além da aparência, ou até mesmo, em alguns casos, em direção à ela.

As filosofias materialistas da modernidade, segundo Lukács (1966), por vezes flertavam com o romantismo, ou ficavam circunscritas ao pólos do materialismo espontâneo e mecânico. Apenas com o desenvolvimento filosófico operado por Marx, o reflexo filosófico concebe pela primeira vez a vertente do materialismo histórico e dialético. Esse, também, foi um ponto de inflexão primordial para o reflexo filosófico, pois tornou-se claro que a análise histórica, concreta e onto-genética eram procedimentos indispensáveis para a compreensão dos objetos, seja de forma particular ou universal.

Para Lukács, a filosofia é uma forma superior de consciência, o que Santos (2020) chama de objetivação superior. Esse tipo de atividade humana consiste em uma rápida, ou transitória, elevação da mera prática do cotidiano para a construção de uma forma de consciência especializada. A arte e a ciência, como já dito, são exemplos dessas atividades humanas superiores, pois para a sua criação é necessário que os envolvidos se elevem para além da imediatez do cotidiano e consolidem um resultado que tem a finalidade de retornar ao cotidiano e enriquecê-lo.

Nesse sentido, as objetivações superiores movem as cadeias teleológicas voltadas para a reflexão ideológica, não imediatamente material, mas que são essenciais a vida humana, uma vez tenham surgido. A filosofia possui uma caracterização semelhante à do reflexo científico graças ao seu estatuto desantropomórfico, mas se diferenciam em sua forma de operar as categorias da realidade.

Assim como a ciência, a filosofia também busca livrar-se das impressões antropomórficas da mimese imediata dos objetos para a construção de uma mimese mais especializada, que se aproxime com maior rigor dos objetos da realidade. A ciência, contudo, opera na esfera da particularidade que não deve ser entendida aqui como subjetividade e sim como o nexo entre a universalidade e a singularidade (Lukács, 1966).

Dos problemas gerais da humanidade, são escolhidos casos específicos para o trato científico, como por exemplo, para combater uma doença de tipo específico, é criada uma vacina que neutraliza a ação sintomática de um agente invasor. Mesmo que a vacina se universalize a ciência não buscou uma solução para as doenças em suas totalidades, pois elegeu-se uma enfermidade específica provocada por um agente patológico específico.

Assim, podemos concluir que mesmo que o fim seja atingir a universalidade da esfera humana, a ciência opera junto à particularidade. Nesse sentido, a singularidade é aquilo que é individual ao sujeito e a universalidade o que é comum a todos os sujeitos. A particularidade opera, portanto, como um móbil entre a singularidade e a universalidade dando a possibilidade de um caso específico alcançar a universalização como no exemplo fornecido.

Dessa forma, a esfera de operação da filosofia é a universalidade. Enquanto a ciência em si trata dos efeitos de uma vacina sobre determinada doença, a filosofia pergunta-se pela própria noção de enfermidade e suas modificações no decorrer da história. Ainda assim, é importante destacar que: “[...] a filosofia não pode dispensar os resultados da ciência, e tampouco deve incorporá-los de forma acrítica. A filosofia, de acordo com esta abordagem, deve obstar que ciências isoladas terminem se colocando em oposição às peculiaridades do ser que procuram aprender” (Giana, 2021, p. 79). Não há, portanto, uma completa contradição entre ciência e filosofia, mas sim uma mútua complementação.

Giana segue esclarecendo que: “A filosofia coloca como centro de sua generalização a constituição do gênero humano, ou seja, a conformação da história humana e seu devir sócio-histórico. Daí seu caráter antropocêntrico, uma vez que considera o indivíduo e o gênero humano como o eixo de suas reflexões” (Giana, 2021, p. 79). O caráter generalizador da filosofia na compreensão de Lukács nos aponta a preocupação com o humano em sentido genérico, para onde esse gênero tem caminhado e quais são suas possibilidades.

Assim, a filosofia não pode se desconectar da realidade circundante e do desenvolvimento histórico em que ela é elaborada, bem como, do desenvolvimento histórico posterior (Giana, 2021). Nesse sentido, a filosofia desenha as possibilidades que podem ser alcançadas ou almejadas pela humanidade (Giana, 2021).

A função da filosofia, enquanto ciência e ideologia pura, é indicar possibilidades progressivas em relação aos caminhos da humanidade. Entretanto, muitas vezes ela acaba por entregar caminhos retrógrados quando não é aplicada com fidelidade à realidade ou a própria atividade do gênero humano, pois o reflexo desantropomorfizador podendo falsear a realidade se não atingir a imanência do observado.



Tendo esclarecido os principais aspectos da filosofia para o teórico Georg Lukács, traçaremos algumas análises quanto a contribuição dessa categorização para o campo da filosofia educacional, portanto, a educação em suas finalidades primeiras e últimas. Assim, acreditamos ter contemplado a finalidade desta exposição.

Para uma filosofia da educação em Lukács

Dados os delineamentos quanto à concepção lukacsiana de filosofia, podemos avaliar de que formas ela contribui para a problemática da filosofia da educação. Em primeiro lugar, apesar de Lukács enxergar a filosofia como ideologia pura, ele não a vê como uma área meramente formal ou conceitualista.

Dessa forma, a partir da concepção de filosofia como reflexo universal do conhecimento (Lukács, 2023), podemos salientar que a educação é uma das ciências particulares contidas dentro do guarda-chuva da totalidade das coisas presentes na universalidade em sentido filosófico. A educação enquanto ciência particular, entretanto, deve possuir uma fundamentação comum a todas as outras ciências, bases essas estabelecidas em consonância à filosofia, enquanto forma universal de fundamentar a realidade a partir do reflexo científico.

Ademais, Lukács enxerga na universalidade filosófica uma vertente prática que se refere à necessidade de conhecer a realidade para atuar com vistas à sua transformação radical (Lukács, 2024). Nesse sentido, novamente, o papel da filosofia encontra o papel da educação, pois, é necessário que esse conhecimento da totalidade se expanda e se torne acessível para todas as pessoas, ação realizada junto à esfera prática pedagógica.

Lukács (2024) reflete sobre a educação em “Para a ontologia do ser social”, afirmando que existem dois sentidos do processo educativo, um amplo, não sistematizado que compreende as vivências e aprendizados na vida cotidiana, em sentido *lato*, e outro que compreende um processo de aprendizado sistematizado, e afastado do cotidiano, a esse denomina educação em sentido *strictu*.



Podemos compreender dessa discussão iniciada por Lukács, que o momento para se debater sobre a filosofia produzida, no ocidente e no oriente, deve ser realizado, impreterivelmente na esfera estrita da educação escolar, mesmo que a filosofia seja uma prática possível no cotidiano, e seu nascimento como ócio produtivo seja fruto de reflexões vivenciadas nesse espaço, sua característica principal é a elevação do pensamento à esfera universal que não é possível ser plenamente realizada no cotidiano, mas afastada dele. O que, por sua vez, não impede que a filosofia produzida não provoque rebatimentos na vida cotidiana em um momento posterior à sua criação, uma vez que o cotidiano é começo e fim da atividade humana, o que inclui a prática filosófica universalizante (Lukács, 1966a).

Assim, aprender sobre a filosofia é uma prática que deve ser defendida e ela própria não pode ser plenamente excluída do processo educacional, pois como já apontado, filosofar envolve pensar sobre os fundamentos da realidade e da ciência em sua compreensão universal, sendo ato impreterível do processo educacional.

Conclusões

Apreende-se, portanto, que as contribuições de Lukács quanto ao problema da filosofia auxiliam na compreensão das razões de uma atividade docente voltada para a transformação radical da sociedade, tendo como base a ideia de que a reflexão universal, principal característica do reflexo filosófico, contribui para o desvelamento da realidade e compreensão das categorias que auxiliam a reflexão quanto à transformação radical.

Tendo apresentado a percepção lukacsiana de reflexo filosófico, compreendemos, também, que o rigor científico seja particular ou universal deve ser um dos pilares da discussão sobre filosofia e filosofia da educação considerando a urgência de produção de conhecimento para a consolidação de novos caminhos rumo à novas formas de produção.

Como complexo ideológico, o processo educativo é fundamental tanto para o aprendizado das determinações filosóficas necessárias para a compreensão de nossa época e conjuntura, quanto para a consolidação e atitudes que verberem em ações em prol da humanidade e da redução das desigualdades.

Não podemos deixar de mencionar a crítica que devemos realizar em relação a como a filosofia vem sido tratada pelas legislações e aos sucessivos ataques que essa disciplina sofre por muitos de nossos representantes. O modo de produção capitalista, até hoje, não permitiu que a educação em sentido *strictu*, revelasse as suas potencialidades. Assim, o ensino de filosofia por si só não consegue romper com a naturalização dos acontecimentos históricos e com a reprodução das desigualdades, inclusive educacionais, verificadas na realidade.

Entretanto, não podemos deixar de defender o espaço do ensino de filosofia como contribuição para a conscientização dos discentes quanto os fatos históricos transcorridos e os rebatimentos dos desenvolvimentos filosóficos que os sucedem e interpretam. Devemos renovar constantemente as inspirações humanas para a construção de espaços mais humanos e de uma sociedade mais igualitária.

Referências Bibliográficas

- CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- FREDERICO, Celso. **Lukács**: um clássico do século XX. 2 ed. São Paulo: Moderna Paradidático, 1997.
- GALLO, Sílvia. **Filosofia**: experiência do pensamento. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2016.
- IANA, Sérgio. **Ideologia, ciência e filosofia**: unidade e diferença no pensamento de Lukács e Mészáros. Maceió: Coletivo Veredas, 2021.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução: Lucimar Aparecida Coghi Anselmi e Flávio Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**. 2 ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2024.
- LUKÁCS, Georg. **Estética**: a peculiaridade do estético. Tradução de Nélcio Schneider e Ronaldo Vielmi Fortes. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- LUKÁCS, Georg. **Estética I**: La peculiaridad de lo estético: 4 Cuestiones liminares de lo estético. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1965.
- LUKÁCS, Georg. **Estética I**: 1. La peculiaridad de lo estetico. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- OLDRINI, Guido. Os marxistas e as artes: princípios de metodologia crítica marxista. 1 ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2019
- PLATÃO. **Sobre a inspiração poética (Íon); Sobre a mentira (Hípias Menor)**. Introdução e Tradução do grego de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- PLATÃO. **A república**. 9 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- REALE, Giovani; ANTISERI, Dário. **História da filosofia**: pagã e antiga. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, José Deribaldo Gomes dos. **Arte-Educação, estética e formação humana**. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.